

PŌESIA

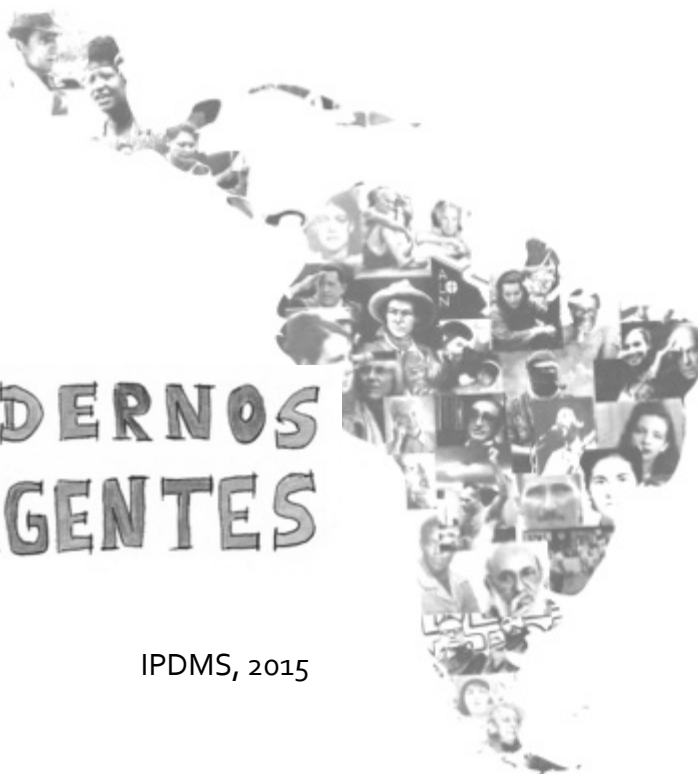
C.R.I.T.I.C.A

do

dIREITO

CADERNOS
INSURGENTES

IPDMS, 2015





Cadernos Insurgentes, n. 0 – Poesia crítica do direito, 2015
Coleção "Poemas em quintais"

Coordenação

Luiz Otávio Ribas – Coluna "Relatos de um jovem professor"

Ricardo Prestes Pazello – "Coluna Prestes"

Diagramação

Rodolfo Carvalho Neves dos Santos – Coluna "direito, delírio, experiências e coisas reais"

Revisão

Helena Boll – SAJU UFRGS

Nayara Barros de Sousa - Blogue da Assessoria Jurídica Popular

Ilustração

Enara Echart Muñoz – UNIRIO (autora das fotografias)



Convida-se à reprodução e distribuição desta obra, sempre que seja sem fins comerciais e que a autoria seja reconhecida.

Instituto de Pesquisa, Direitos e Movimentos Sociais (IPDMS)
www.ipdms.org.br | ipdmscorreio@gmail.com
Cidade de Goiás • Brasília

CADERNOS INSURGENTES

Os Cadernos *insurgentes* são ferramentas para o trabalho de apoio aos movimentos populares na América Latina. Um diálogo no e do sul, de gentes que se insurgem para dizer a sua palavra no mundo.

São instrumentos para a divulgação das lutas e pesquisas com os movimentos sociais, o trabalho de formação, as análises de conjuntura e a agitação e propaganda. Também servem para impulsionar os grupos de pesquisa militante e assessoria nas seções do Instituto de Pesquisa, Direitos e Movimentos Sociais (IPDMS).

O projeto gráfico tem como inspiração a contracultura dos fanzines (1960-), os “Quadrinhos puros do direito” de Luis Alberto Warat (década de 1980), a coleção “Socializando o conhecimento” (1984-1993), do Instituto Apoio Jurídico Popular – AJUP-RJ, os cadernos do “Direito achado na rua” (1993-) e o blogue AJPopular – assessoriajuridicapopular.blogspot.com (2009-).

As primeiras coleções são homenagens a Paulo Leminski, Belchior, Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector – “pedras, noites e poemas”, “galos, noites e quintais” “a hora da estrela” e “quarto de despejo”.

- 1- **Pedras e galos** – pesquisa militante e assessoria popular;
- 2 - **Poemas em quintais** – ludicidade e cultura popular;
- 3 - **Despejo de estrela** – sátiras, aforismos e pensatas.

Coleção “Poemas em quintais”

A coleção “Poemas em quintais” é dedicada à ludicidade e à cultura popular. Já que a arte, a literatura e a brincadeira são filhas da cultura de um povo. O objetivo é reunir textos dos quintais das místicas, saraus, oficinas, aulas... Arrancar um pedacinho da folha do caderno, uma epígrafe ou um bilhetezinho.

Este primeiro volume é uma parceria com o blogue AJPopular, em comemoração aos seus cinco anos de “pesquisas, resenhas e poemas”. Reunimos muitos textos da biblioteca “poesia crítica do direito”.

SUMÁRIO

Poemas lustrados: apresentação do caderno insurgente Poesia crítica do direito.....	6
DENÚNCIA.....	8 a 14
Sobre os ratos e seu direito à toca – Luiz Otávio Ribas	
Breve relato – Assis Oliveira	
Longe dos olhos do Direito de alma cidadina, um diálogo –	
Nayara Barros	
Sobre peitos e respeito – Assis Oliveira	
LUTA.....	15 a 25
Manifesto Crítico-Radical – Assis Oliveira	
Poética feminista – Diana Melo	
GLBTT – Assis Oliveira	
Todas as mulheres – Luiz Otávio Ribas	
Memórias do movimento sem terra – Luiz Otávio Ribas	
A revolução brasileira: cosmogonia de nossa ação cultural para a	
libertação – Ricardo Prestes Pazello	
CRÍTICA.....	24 a 28
Da forma, exegese e desnumeração ou Preliminares – Ricardo	
Prestes Pazello	
Recompensa do tédio – Luiz Otávio Ribas	
Danço! Danço! – Paulo César Linhares	
LIRAS E OUTROS INSTRUMENTOS.....	29 a 46
Analfabetos, fracos, pobres, rudes e santos – André Filipe Pereira	
Reid dos Santos	
*Sem título – Eugênio Lyra	
Delirium – Eugênio Lyra	
Senhor capitão – Eugênio Lyra	
Petição do processo 17.022 – Eugênio Lyra	
Eugênio Lyra – Vladimir Luz	
Eugênio Lyra – Jelson Oliveira	

Agenor Martins de Carvalho – Jelson Oliveira
Joaquim das Neves Norte – Jelson Oliveira
Paulo Fontelles de Lima – Jelson Oliveira
Na chapada – Thomaz Miguel Pressburguer
Esse brasileiro – Luiz Otávio Ribas
Envio – Noel Delamare (Roberto Lyra Filho)
Lírica de um filho da crítica – Ricardo Prestes Pazello e Luiz Otávio Ribas
Feliz dia do dotô devogado – André Dallagnol

UTOPIA.....45 a 49

Encontro em Santarém – Pedro Martins
O velho no burrico – Nayara Barros
Utopia – Luiz Otávio Ribas
Prece a nós, que somos jovens – Ana Lia Almeida

AUTORES.....50 a 54

Cirandar: um posfácio.....55



ipdms.org.br

Acesse para conhecer o primeiro volume da Coleção *Pedras e galos*

"Estudo de caso da tentativa de dissolução do MST por parte do MP/RS – 2008"

Rio de Janeiro e Niterói, jun. 2013



Poemas lustrados: apresentação do caderno insurgente Poesia crítica do direito

Um lustro. Este é o período de tempo que a presente coletânea alcança com o intuito de fazer aparecer a verve poética de quinze assessor@s jurídic@s populares brasileir@s. Após cinco anos de existência do blogue Assessoria Jurídica Popular, realizamos nosso ritual de renovação de um ciclo, em parceria com a proposta editorial dos Cadernos Insurgentes, do Instituto de Pesquisa, Direitos e Movimentos Sociais (IPDMS).

Entre os romanos, o período de um quinquênio representava o tempo suficiente para realizar um censo. Ao final deste, o ritual do *lustrum*. Entre nós, o sacrifício expiatório está subvertido; ao invés de cordeiro ou terneiro, as injustiças e a neutralidade dessubjetivada do direito. Se alguma coisa aprendemos, nós latino-americanos, com as tradições européias, é insurgirmo-nos contra elas e inventarmos outra história.

Os poemas aqui recolhidos são lustrados. Reluzem a indignação e insubordinação de pelo menos duas gerações de juristas. Tanto a dos precursores da poética crítica do direito, como a seu modo são Lyra Filho, Pressburger e Eugênio Lyra, quanto a d@s nov@s juristas insurgentes.

O itinerário luzidio desta compilação segue de perto o tempo de existência do blogue, que teve por primeira postagem o poema “Esse brasileiro”, no já aparentemente longínquo dia 16 de agosto de 2009. De lá para cá, o endereço se tornou uma página coletiva, com participação de militantes, professor@s, estudantes e advogad@s populares, sendo que uma das mensagens preferidas de tod@s el@s sempre foi a poética.

Dessa forma, reunimos um conjunto de manifestações artísticas desenhadas por homens e mulheres das cinco regiões do país. Entre os temas preferidos, a **denúncia** das injustiças que o mundo do direito não costuma enfrentar, mas também a **luta** possível para além, ainda que às vezes aquém, do que o próprio direito pode oferecer. Denúncia sem luta é promessa vazia; luta sem denúncia, é vender-se sob o fogo cruzado. Denúncia e luta, aqui, são existenciais, assim como também não poderiam deixar de sê-las a **crítica** e a **utopia**. Toda crítica, porque criteriosa, exige um não-lugar-ainda; toda utopia, por sua vez, deriva do pôr-em-crise o estado de coisas.

Luminosamente, o arco poético que liga denúncia e utopia, assim como luta e crítica, atua como aspersório e, por isso, é uma mediação que une juristas e povo, poetas, poetisas e leitor@s, gerações e gerações enfim. Damos um destaque especial aos instrumentos líricos que integram nosso Caderno. Com as **liras** que cantam os sonhos de tant@s que empunharam a suja arma do direito, relembramos alguns dentre @s muit@s que caíram na resistência da defesa dos movimentos populares e da classe trabalhadora. Portanto, nosso profundo reconhecimento!

Se a crítica jurídica é uma tarefa que não está ultrapassada, a *Poesia crítica do direito* é uma possibilidade de explorar um flanco quase sempre esquecido pel@s crític@s. Subjetividade e ludicidade podem, sim, cerrar fileiras intersubjetivas com a arte comprometida com o povo. Se a insurgência é poética, o direito também tem de ser i-lustrado!

Boa leitura!

Os organizadores



d E N U N C I A





Sobre os ratos e seu direito à toca

Luiz Otávio Ribas

Os ratos movem-se por necessidade
Há homens que movem-se por necessidade e consciência
Ratos formam suas tocas sem pedir licença
Homens constroem suas casas e reivindicam seu direito de morar

Os ratos vivem em meio aos homens
Há homens que vivem na condição de ratos
Quem dirá que o soldo do homem serve de alimento e abrigo?

Há propriedades que estão dadas aos ratos
A função social é exercida pelos homens
Propriedade sem função social é igual a ninho de rato
A toca é direito dos homens
Homens e ratos não podem conviver juntos

O que irá fazer o homem que não tem toca?
O que fará o homem na presença dos ratos?

É lei para os homens que todos têm direito à toca
É lei para alguns homens que a propriedade vale mais que uma toca
Há tanta terra cheia de ratos!
Há tantos homens sem toca!
Estão querendo pulverizar os homens
Estão querendo abrigar os ratos
E se o rato virasse homem?
E se o homem virasse bicho!?

(Poema em homenagem a Chico Buarque e Manoel Bandeira, fazendo um diálogo entre a canção "Ode aos ratos" e a crônica "O bicho")



A estrada cortou a mata
A mata foi cortada
Veio gente de couro refinado
E nativo virou onça pintada
Rio comprido trás no bojo as toras
E o clarão é plástica disfarçada
Toda arara voa livre na gaiola
Sai calada, pra no gringo ser ornamentada.

Coisa essa que fez de grilo mata?!
Pra sulista ter folha amarelada
E na terra por seu bicho importado.
Mas antes jagunço é lei empoçada
E seu cano faz de homens, esporas
– Torna o rio cor do amor desfigurada.
Tantos gritos calados por uma pistola
Da mesma mão de quem era só enxada.

Cabra da peste mão-de-obra de projeto grandioso
Vem da seca, vem pra mata, na campanha mentirosa
Vem junto, na borla, com sua sonhada horta,
Trás contente os seis filhos e a esposa amorosa.
Mas chegando troca logo arado por martelo
E do entulho pedregoso faz construção suntuosa.
Faz tijolo por tijolo e vê lavoura distante,
Vê as terras sem homens só pra gente onerosa.

Soja foi modificada com sabor mais saboroso
Nasce em terras mecanizadas e lá fora é gloriosa,
Virou plantação de ouro e a selva inteira corta.
É daninha de queimada, das filhas a mais rendosa,
Faz balança favorável pra alívio do Castelo,

Só não faz é mais emprego já que é demais briosa
E prefere na senzala quem dá lucro triunfante:
Ferro-gusa proletariado da pele prata não remosa!

Pra juntar “tribo selvagem” com branco
Monstro alado trouxe antena parabólica
Índio Xavante fez toda lição de casa
E agora é cidadão da República
Terno preto e gravata engomada
Caneta importada estreando a sua rubrica
Na aldeia índio novo tudo engata
Pois, é hoje, funcionário de nobre estada.

Foi-se o tempo de Cabral navegar sem barranco
Tanto Éden adormecido em tranquila música
Desperto já ferido e caiu na cova rasa
Deste ereto intrometido de palavra lúdica.
Casa verde, minha casa, que sucumbe estilhaçada
Frente ao fogo da ganância suavizando a polêmica
Isso desde quando a estrada cortou a mata
É que se tem compreendido que a mata foi cortada.



longe dos olhos do Direito de alma cidadina, um diálogo...

Nayara Barros de Sousa

E passo dia e noite. E passa noite e passa dia e eu aqui esperando minha alforria...

-De sete ruas para cinco. Cana muita, seu Moço!

-Não é não. Não é não. Não faz sentido sua reivindicação!

-Rei...O quê? Só tô dizendo que as forças num guentam, não... Sete ruas é cana de montão! Mas e o banho, pode, seu Moço? Almoço e banho, daí fica tudo muito bom, dá até p'ra 'guentar o sol na moleira e dá p'ra segurar o rojão das sete ruas. Sete ruas...

-Hum...Banho,não. Banho para quê, se vai sujar tudo de novo? Você não precisa de banho, não.

-Me disseram que o tal do Ministério vem aí...

-Não tenho medo, pago advogado caro é para isso mesmo.

-Então tá certo... Pois deixa eu cuidá que são sete ruas, não cinco e sem banho, tambeim. Com cinco as coisas seriam melhores...

-Seriam nada! E daqui a pouco as máquinas estão vindo. Precisa ver a alta tecnologia daquilo lá. E então tudo isso acaba! É cana, é chão, é dinheiro na minha mão.

-Máquina, é? Tava tendo ciência disso, não... E o que sobra p'ra nós?

-Aí eu não sei. Não é problema meu.

-Pois é... Agora que tô vendo. Mas isso vai ser p'ragora?

-Parece que vai ser para logo. É melhor ir tratando de cortar suas sete ruas enquanto você ainda pode, daqui a pouco não vai ter mais rua nenhuma para cortar.

-Tá certo, seu Moço. Tá certo. Xô ponhá os trem de prontidão p'ra labuta de aminhã... O restante o Senhor, nosso Deus, provirá...



Sobre peitos e respeito

Assis da Costa Oliveira

Carandiru,
Eldorado dos Carajás,
Chacina da Candelária,
Sonho Real...

Quantos mais?
Quantos mais!

Até que você se comova,
Até que você se mova,
Quantos mais?

As pessoas são enterradas, são esquecidas,
São sumidas...
As vidas tornam-se pouco, muito pouco,
Para eles, para nós, nossas vidas,
E você?

Cidadania, isto vos diz respeito!

Porque em todo peito
Aberto por uma bala, um cassete;
Em todo peito
Que sangra o sangue mais humano,
A dor mais digna pela indignidade
Mais dolorosa,

Há um clamor e uma angústia,
Uma fé e uma luta,
Um sonho e uma realidade.

E este peito, desta gente,
Que você não vê,
Que você não quer ver,
Que você finge que vê,
É igual ao seu
E é tão mais humano que o seu

Porque nele ainda bate
Um coração
(Vivo ou morto).







Assis da Costa Oliveira

O direito, meus caros,
Não está nos livros, nos códigos,
Nas salas de aula;
Não é falado ou escrito em bom português,
Latim, alemão ou inglês.

O direito, meus senhores,
Não habita os escritórios,
Não veste o tradicional paletó,
Não se enforca com a gravata
Nem se esconde na bela oratória.

O direito, meus patrícios,
O verdadeiro direito, habita o asfalto,
Os pés descalços e as sacolas da feira;
Tem graxa na roupa e cimento no rosto,
Sujeira nas unhas e casa de madeira.

O verdadeiro direito habita um mundo,
Um mundo que meus patrícios-senhores-caros
Des-conhecem.

Ali, onde a lei é a sobrevivência,
Onde o Estado coexiste com os Instados,
É que vais encontrar o direito, o verdadeiro
E maior direito.

Apressa-te!, Tu que agora é “magnânimo”,
Porque não é com latim que se faz justiça!

Avança, além de teu nobre e utópico condado,
Os plebeus te esperam ávidos, por justiça!

Só no povo e com o povo é que deves morar.
Ali, onde todos teus princípios e pré-realidades
Contradir-se-ão frente aos fatos expostos, dia após dia,
Aos teus admirados e trêmulos olhos.

Apressa-te, pois o conhecimento tem fome!
A febre e a justiça têm fome!

Joga-te, e não temes a queda – é grande o abismo
Entre a sala e a feira! – mas saibas, quando levatares,
E tocares nas macas pelos corredores,
Sentires o cheiro do peixe podre e veres as crianças
Pelos sinais, uma luz ofuscará os teus sentidos, e, finalmente,
Cegará a tua soberba e velha cegueira.

(Não te chamarei mais de patrício, senhor ou caro)

Os outros dirão que sois doido, profanarão que corrompes
Os milenares tratados dogmáticos...
Eu porém vos digo: "serás o mais sábio!"
Urge a universidade popular, o magistrado
Revolucionário, este pescador que te pesca do afogamento,
Parteiro... Todos eles habitam cada olhar, cada gesto e fenômeno
Do povo. Lá é tua casa e tua salvação,
Aqui, junto ao povo.



Diana Melo

Estou farta do direito comedido

Do direito bem comportado
Do direito magistrado,
católico,
com manifestações de apreço ao Bispo de Guarulhos
e à sua estúpida fala sobre vaginas e canetas

Do direito que pára
e vai averiguar o significado que dá a cartilha do conservadorismo

De resto não é Direito
Será tabela matemática, espartilho positivista que se coloca como
letra fria

Que entra como um punhal na carne de minhas companheiras... e as
recorta
Cem formas com modelos para mulheres honestas para agradar a
moral e os bons costumes

Quero antes o Direito das Madalenas
O Direito das mulheres que dançam, riem e trepam
O Direito feito no meio do amor orgasticamente
Não quero mais saber do Direito que não é libertação

Assis da Costa Oliveira

Quem és tu que levanta purpurina
E não desmancha a brilhantina frente aos pentes finos?
Quem és tu que passa, sublime, rente as piadas,
Acima das gargalhadas, aquém das “gracinhas”
Destroçando “normalidades” pelo caminho?
Quem és tu, liberta personalidade,
Que reluz a magnitude de teu significado,
A beleza do achado no achei-me?
Quem és tu, aura delicada,
Alternativa sadia sem pecado ou crime,
Hino arco-íris zimbando no céu: multicolorindo
As dimensões da tolerância,
Ofuscando as imposições azuis e rosas?
Sítio sitiado confabulando primaveras,
Montanha igual das irmãs
Sacudindo os terremotos, alheios,
Evocando a natureza comum dos corpos
De busca a felicidade?
Quem és tu que pratica e ensina a lutar
Pelo que se é,
A não se esconder atrás de espantalhos,
Voar liberto pássaro e comer da plantação
Que mais te agrada e te atrai?
Quem és tu?
Tu és...



Todas as mulheres

Luiz Otávio Ribas

Vou cantar a mulher cultura
sua música e dança e poesia
Que é frevo, jongo, samba, maxixe
Quero dedicar noite e dia pra sambar contigo

Vou ofertar à mulher Maria e Iemanjá
Todas as rezas, rituais, magias
Que é missa e candomblé e maracá
Quero acender incensos e velas contigo

Vou beijar a mulher Brasil e América
Sua face índia e negra e branca e mulata
Que é amor, ternura, sem fim
Quando chegar meu abraço pra te homenagear
Por este dia junto a todas as mulheres do mundo!



emórias do movimento sem terra

Luiz Otávio Ribas

Depois que o ferro quente cantou
os que tiveram a sorte de voltar para contar
lembraram aos risos o zunido das balas
que voaram perto de suas orelhas.

- Um policial atingiu um padre - disse alguém -, mas foi na perna.

Foi quando uma criança se levantou com
os dois pés na cadeira e ordenou com o punho cerrado:

- Então vamos à luta acabar com esses fiada puta!

*O que eu digo ainda não fiz, e não vivi
Só vivi como a minha palavra
Mas quero dizê-la para ajudar a ter um fim*



revolução brasileira: cosmogonia de nossa ação cultural para a libertação

Ricardo Prestes Pazello

Com o braço de Palmares
República de quilombos
Insurretos militares
No exemplo de Porongos

Resistência, força crítica
De caingangues e xavantes
Nas batalhas guaraníticas
E de tantos retirantes

Nas colônias anarquistas
Libertários que improperam
Falanstérios utopistas
Descontentes proliferam

Grevistas de todo gênero
Farrapos e Julianas
De motins menos efêmeros
O poder, guerras cabanas

A revolta dos posseiros
Um acordo Contestado
Zoadas de cangaceiros
Equador confederado

Sangue d'ouro em Carajás
Guerrilheiros no Araguaia
Cova grande onde jaz
O exército da Praia

Movimento combatente
Justo timbre do protesto
Conjurado, inconfidente
Num conflito manifesto

A disputa balaiada
O levante de Canudos
E as massas arrastadas
Jenipapo nos entrudos

Na Coluna em longa marcha
E nas Ligas Camponesas
Covardia não se acha
Sim, trabalho; não, tristeza

Seja em Trombas, em Formoso
Porecatu, Caparaó
É o povo, belo e ditoso,
Fazendo uma luta só

Na Intentona comunista
No projeto popular
O horizonte socialista
Uma estrela a nos guiar

Conspiram as nossas gentes
Tal malês em rebelião
Dentre outros INSURGENTES
Tudo foi revolução

...

Tudo é revolução!

C.R.I.T.I.C.A





a forma, exegese e desnumeração *ou* Preliminares

Ricardo Prestes Pazello

De terno, gravata, soneto e bravata
Há sempre alguma sílaba a sobrar
Soçobrando o poema de alma de lata
Calando a luzidia razão de bazar

Maldito fonema que a boca não mata
Pudico sistema – caduca ao fechar!
Meduras de néscios, arrotam cascatas
Os leguleios da morte e do azar

De terno, gravata, e mais sonolências
Ambulam canastras do meta-poema
Mas eu – quem não sou? – de grandiloquências

Estou farto: que escorram estratégias
Que fujam as tônicas, a sapiência
E com elas as mil rimas exegeticas de quem só sabe interpretar os
papéis:
Floema, xilema...
Ciência, condolência.
Ipanema, Borborema...
Ardência, imanência.
Ema, seriema...
Florência, transcendência.

Quem nunca viu a puta que o pariu?
Quem não pariu direito perdeu o espetáculo
Das rimas – trinadas, sobejas, pandectas...
Nada de arte nos freáticos seios da mãe-lei
Nada de sorte no colo da seita “demolei”
E que o grande arquiteto faça restar
Nas bases de seu edifício imaginário

A.....

Só de além-mar

E me perguntariam os poucos sonâmbulos

De certo, mui acordados e mais do que os zumbis

Do corre-corre do carrefur do corredor central da cidade:

- O que me diz, amigo?

Procliticamente,

Lhe digo que as luzes piscam e acendem nosso consumo

Lhe digo que os tímpanos preferem dó-fá-sol

Lhe digo, amigo, o enxofre exala de nossos fundilhos a cada vez que a mais ligeira das refeições nos nina os afazeres das tardes burocráticas

Ainda, que a minha ptialina tarda a encontrar a de Camões

E que a minha pele arrepia ao menor encontrão sem desculpas...

Lhe digo, em fim amigo, que as sentenças ditam e que os sentidos batem continência!

Plá!

Quisera eu ser Cortázar

"Mas não posso cantar como convém"

Quimera, som de Quásar

"Sem querer, sem querer ferir ninguém"

Sou apenas o que sou, a quizomba

As estrias do velho continente

O direito das antigas famílias

E a poesia do lugar nenhum...

Sou a utopia em sua mais germinal feição

Pois só será nascitura quando houver a permuta

Do eu pelo nós, da dor, pela noz

Da perua pela puta

E dos s ndetos pelo infinito.

Ah, quem dera continuar e falar de minh'alma
Mas o espanto é breve e o desconforto, contínuo
Nas anchas e antigas memorialidades
Referiam-se a nós, entes a demandar iluminação,
Como emperuados
Chimarrões a serem tosquiados e expulsos do novo
Para nós, o diferente só como novação
Parvoalidades de contratos em espécie de pau-no-cuzismo
Mentalidades de quermesse do imutável
Véspera dos hierarcas, dos petrarcas e do onanismo.



Recompensa do tédio

Luiz Otávio Ribas

Recompensa do tédio
Apatia na madrugada
Cansaço da semana
Rotina que se repete
Quando iremos nos salvar

Barulho e bagunça
Cortejo dos célebres
Enterro da crítica
Flores para o músico

dança! Danço!

Paulo César Correa Linhares

Dança! Danço!
por entre letras
palavras, conceitos.
E rio! farto, desses
livros entupidos
de doudas verdades.

Esse conhecimento
pomposo, enfadonho...
Dispenso!
E assim me meto a sonhar
fazendo tudo
ao avesso.



E OUTROS INSTRUMENTOS



A nalfabetos, fracos, pobres, rudes e santos

André Filipe Pereira Reid dos Santos

O analfabeto é um fraco.
Ele não sabe ler?
O Pobre é um rude.
Ele não sabe ser?
E quem disse que os santos não?
E quem sabe ler e ser se não viver??

E se não olho bem firme,
Corro risco de achar que o invisível não existe,
Que não se vive,
Que é pura ilusão,
Que é tudo relativo.

Analfabetos, pobres e outros "fracassados"
Ainda vivem com força e poesia.
Ainda vivem com força a poesia.
Ainda sentem na carne cada dia.
Ainda vivem a vida dos santos.
Ainda morrem a morte dos santos.
Martirizados.
Mártires do lugar comum do consumismo:
Na vala comum da indiferença e invisibilidade.

Que os santos nos protejam da sapiência sem consciência,
Do sucesso a qualquer preço,
Da riqueza alienada
E da etiqueta forçada!
E que nos deixem livres!

Ah, quanta dor se ameniza nessa vida que se empilha e se equilibra!
E quanto ainda há por aprender!

O sujo é descartado pelo limpo.
E Olimpo se envergonha do que vê.
E você, vai fazer o quê?

*  em título

*Eugênio Lyra,
do livro "Eugenio Lyra, presente"*

I

Plantemos novas sementes
colhamos frutos maduros,
rompamos todas as frentes
e os obstáculos futuros.

Sejamos mais conscientes
e, juntos, onipotentes,
prostremos todos os muros.

Do teu, para sempre,
Eugênio – 14/04/71

II

Toda hora é breve.
A greve é só um passo
Casso sem poder ou ciência
A violência é nada
e irrisória.
Importante é a consciência.
A história vence a escória dos chefões.
NAÇÃO,
que dragões te sufocam?
O fio é de prumo.
Certo.
Escuta:
A luta é que é o rumo.

elirium

Eugênio Lyra

Meus ideais se recolheram, todos:
Venceu a força – retumbaram balas.
Fuzis – canalhas – fogo intenso falam...
Não sou tão livre – me fugiram as galas...
E os tiranos a naufragar no lodo,
Forçam – renegam – no disfarce – calam.

enhor capitão

Eugênio Lyra

Senhor capitão,
o povo é ladrão?
E mesmo que fosse
não existe ciência
que pregue violência.

O povo só pede
(esforço não mede)
Senhor capitão,
a Libertação



petição do processo 17.022

*Eugênio Lyra, em petição feita no processo 17.022,
1ª Vara de Assistência Judiciária de Salvador, em 1970*

O número desse processo
dúvida alguma se me impôs:
é de dezessete mil
um zerinho e vinte e dois.

Diante do desrespeito
vista a procrastinação
ficou sem o seu efeito
a dita consignação.

Enfim, é bom que se diga
– sem interesses mesquinhos –
que a insensatez e a intriga
trazem transtornos daninhos.

Espero seja encontrado
dito processo sumido
para que seja negado
noutro Juízo um pedido.

Para que não mais se inquiria
abaixo fica firmado
do autor advogado
o doutor Eugênio Lyra.



ugênio Lyra

Vladimir Luz

Era uma vez uma criança que lia

E, num instante, a palavra lida se fez carne
Terra batida, sol a pino
Luz do sertão, mãos estendidas
Fez-se olhar sem ter onde
Corpo que espera o outro
Abraços de tantos que vagueiam

E a palavra se fez lei, grito calado
Latifúndio, latim
E a criança que lia virou homem, andarilho
Viu-se nos outros, como se via nas palavras
Pariu a si mesmo emprestando sua voz
Fez-se ato, gesto e luta
Homem que, por se fazer ser em muitos
Cravou sua sina

Era uma vez uma criança que lia
Eterna criança que se fez e se faz
Em nós – Justiça



ugênio Lyra

*Jelson Oliveira,
no livro "Raízes: memorial dos mártires da terra" (2001)*

(Advogado dos trabalhadores/as rurais de Santa Maria da Vitória e Ecoribe, Bahia. Assassinado no dia 22 de setembro de 1977).

(Pesado, o tempo vestiu a suficiência do carvão
Engomado pelo destino severo da morte e suas ferramentas...)

Preservaste a dureza exata das verdades
Como rubis perpetuados no celeiro escuro da terra
Como peixe embebido no rio e suas diferenças
Como nuvem decifrando o enigma cilíndrico do azul.

Antes que a terra ouvisse o rouco grito
- e a queda do corpo recolhido
retornasse ao orvalho e à cal -,
foste um silêncio estendido e úmido,
soprando acima dos tribunais armados.

Foste a fertilidade dos protocolos
E suas vasilhas de invejas e tiranias.
Habitante das legislações do amor e seus ninhos,
procuraste os roteiros desusados da Justiça
para traçar o direito proibido dos pobres.

Apartado como um rio, carregado de verdade e som,
Defendeste a integridade do povo
Na casa onde desfalece o corpo dos relâmpagos.
Indomado, acendeste a luz para lumiar
O caminho aos que te seguem noite adentro...



genor Martins de Carvalho

*Jelson Oliveira,
no livro "Raízes: memorial dos mártires da terra" (2001)*

(Advogado dos Trabalhadores Rurais assassinado em sua casa em Porto Velho, Rondônia, atingido por dois tiros de revólver diante de sua esposa e filhos, na madrugada do dia 9 de novembro de 1980).

Lá, nas distâncias de novembro
Elevado nas paisagens fugidias
A agonia de um homem
Estendia a chuva sobre as árvores.
Deus visitava as palavras turvas
Espalhando a sombra dobre o cansaço.
Deus pendia das alturas do crucifixo,
Tudo era exposto e ambulante.
Tudo era provisório, mais do que as estrelas.

O homem frequentava seus salões.
O homem alternava o silêncio com verdades:
Os pêndulos parados, os juízes, as leis.
O vago mercado da palavra.
A narrativa, as provas,
as perícias bem montadas sobre o crime.
As heranças e as fugas. As mentiras.
As discórdias afeitas para o nada.
Os testemunho, o sangue amargando as vozes.
Datas, pessoas, cifras, cofres: teu conteúdo.

O mundo porém, para ti, era leve demais
Como a sombra do carvalho.
Foste encontrar a claridade dos rios
E advogar pelo povo junto aos altares divinos...



Joachim das Neves Norte

*Jelson Oliveira,
no livro "Raízes: memorial dos mártires da terra" (2001)*

(Advogado, 40 anos, pai de 4 filhos, assessor do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Naviraí-MS, colaborador da CPT-MS, assassinado a mando do fazendeiro Adolfo Sanches Neto, no dia 12 de junho de 1981).

Cumpro o apanágio das ausências
E o teu nome, das neves do norte
Chega impossível, improvável, inflamado.

Algo como um relatório inteiro de mortes,
Um esbulho, uma condenação, uma ilegalidade.

Não por existir, te condenam, mas por não desapareceres,
Por não conseguirem derrotar
Os sangues que ao teu sangue se juntam.
Pelas águas mal-dormidas que fazes correr
Rente aos leitos encurvados das noites do medo.
Pelas palavras dos que acreditam nos sonhos
Que crescem no meio das sementes.
Esses que agora se juntam para dizer:
"Se vê, se sente, Joaquim está presente!"



Paulo Fontelles de Lima

*Jelson Oliveira,
no livro "Raízes: memorial dos mártires da terra" (2001)*

(Advogado assassinado por pistoleiros por seu apoio à luta dos pobres do campo no sul do Pará, no dia 11 de junho de 1987, em Belém do Pará).

Branças de cal as linhas de teu nome
Nas distâncias plantadas além das lavouras.
O homem retornando da colheita
C'o sol enalhado na algibeira
Soube a notícia pelo sino
Que o silêncio fez soar sobre o vermelho.

Nas casas nasceram relevos de tumulto
- algo como gravuras de relâmpagos
Rebentando através das roseiras.

A vila pôs-se em peregrinação
Até o cerne do silêncio.
Vestiram teu corpo de barro, por adoração.
Um buquê de sabiás atraíram como manto teu
- cambraia cinza te abrindo em filigranas de prata.

Criaram uma música sem aflição
Para circular teu exílio de ternuras.
As senhoras do povo cantaram gravemente
Para alcançar o vácuo das alturas, em vigília.
Houve um juízo e um delírio, paralelos,
Levando teu corpo além
No itinerário pendente do fogo...



Thomaz Miguel Pressburger
(trecho de romance inacabado)

Eram três a caminhar. Tentavam correr, mas só os olhos e os músculos do rosto obedeciam às ordens, as pernas não. Estas iam se pondo uma à frente da outra, por vezes endurecidas por vezes bamboleantes fazendo com que o corpo se balançasse, rodopiasse numa dessincronia de bêbado ou estafado. O sol se punha, mas ainda iluminava de vermelho e cinza o topo do platô de pouca vegetação. E eles procuravam proteção naqueles arbustos secos de folhas, raquíticos e contorcidos como se a acidez do solo provocasse tremendas cólicas nas entranhas vegetais. De roupa tinham muito pouco e em muito mau estado, só um tinha um boné disforme de cor indefinida que nem vagamente lembrava o equipamento do exército ao qual pertencera.

Sabiam que lá embaixo havia água, água límpida e fresca dos córregos que não secaram ainda e que corriam em leitos de pedra em finos filetes vagarosos. Mas o inimigo também estava lá embaixo, à espreita, forte, bem equipado, atento e posto em cerco. Era o último cerco e deste não escapariam; disso o inimigo e eles próprios sabiam. Era uma campanha já agora tranquila, bastava esperar uns poucos dias ou uma poucas horas – nada de se cansar em arremetidas morro acima, nada de gastar munições em fuzilaria extravagante. Os aviões mesmos já não usavam: eles já foram localizados e não havia como escapar do cerco.

Dos três, dois vão logo morrer donde não (poupe e pense) deles falar ou descrevê-los. Basta dizer que são jovens, se bem que não apresentam idade nenhuma, não comem nem bebem há vários dias – e isto sim aparentam claramente. Os Três, se possuíam alguma bagagem ou algo além dos farrapos, tudo perderam ou puseram fogo e agora só cuidam em conseguir avançar, avançar e nem sabem bem para onde ou por quê. Faz tempo que não se falam. Um porque não precisam, nem tem o que se dizer; e depois nem forças mais têm para pensar e articular. O terceiro, que ainda tem o boné, não difere dos demais, a não ser na barba e cabelos que tem a metade de fios brancos os quais mesmo apesar da sujeira e do barro dão uma coloração de rato, de raposa, de animal. Ainda conserva, batendo na coxa esquerda o coldre com a pistola, agora tão inútil como por exemplo um batedor de ovos, e talvez mais ainda. É esta pistola mais

o que já foi um boné que fazem com que seja um comandante e não uma escolha que os companheiros (não só esses dois, mas quase meia centena) fizeram há pouco tempo atrás. Muito pouco tempo mesmo, menos de um ano. Mas agora eles não se lembram nem pensam nisso. Pensam na água e nos soldados que estão lá embaixo, e sentem ainda, a língua dura e seca. Sabem que em breve não vão sentir mais nada, mas assim mesmo avançam sem saber para onde ou por quê.

O sol já vai bem baixo, mas o vento ainda não castiga como ontem e anteontem e trás-ante-ontem, e... Antes teriam podido avançar em meio dia o tanto que fizeram nos últimos três dias. Mas como podem caminhar mais que meia hora, no máximo uma, sem caírem? E ao caírem, como podem levantar-se de súbito, sem antes o corpo desmoronar e se (amarrar) sobre pedras e plantas durante muito tempo antes de um resto de força acumulada empurrar braços, pernas e tronco para cima? No escuro sempre há uma esperança, não sabem muito bem de que coisa, mas é no escuro que se sentem mais livres, mais ocultos e talvez até mais seguros. Hoje terão que tomar uma decisão. Não podem mais, e têm muita consciência disso, continuar avançando às cegas sem ao menos estarem escapando do tranquilo cerco que tranquilamente aguardaram. É por isso que se deitam, corpo contra corpo (para proteger do frio que já vem vindo), rosto contra tosto (para poder falar baixo, já que as vozes estão quase sumidas).

Perguntam-se. Cogitam. Devem usar o resto do carregador da pistola contra si próprios? Procuram o cerco e se entregam? Tentar chegar até a água? Não precisam falar muito: umas poucas palavras, alguns sons e respirar são suficientes para se entenderem. Ao menos para isso valeu o (ordeiro) treinamento, onde cada som, cada ruído que não fosse absolutamente imprescindível era objeto de crítica do instrutor.

Finalmente resolvem. Irão repousar. Talvez haja mais possibilidade de sobreviver e furar o cerco se for cada qual sozinho e não os três juntos. Escolhem os rumos, marcam encontros, que de antemão sabem que não irão cumprir, tentam forçar os lábios endurecidos e (chegam) em coisa parecida com sorriso e se separam. O do boné fica até que amanheça. E é pouco depois disso que escuta tiros. Muitos tiros. Agora sabe que os companheiros não irão ao encontro.

Esse brasileiro

Luiz Otávio Ribas

Um advogado saiu de seu escritório para mais um dia de trabalho
Hoje não visitará a casa de justiça, tampouco cumprimentará o juiz
Guardará seus bom-dias para o povo pobre da roça
e para os desdentados da praça do centro
Saudade desse brasileiro
Coragem nesses tempos

Já se foi e não voltará



Envio

***Noel Delamare, pseudônimo de Roberto Lyra Filho,
no livro "Da cama ao comício, poemas bissextos" (1984)***

Não me lamento, porque canto,
Faço do canto manifesto.
Sequei as águas do meu pranto
Nos bronzes fortes do protesto.

Acuso a puta sociedade,
Com seus patrões, seus preconceitos.
O teto, o pão, a liberdade
Não são favores, são direitos.



Lírica de um filho da crítica

Ricardo Prestes Pazello e Luiz Otávio Ribas

Filho aflito da crítica dura
Pesada briga com afeto e agonia
Reinventa a criminologia brasileira
Ataca o óbvio
Mata o pai

Filho rebelde e erudito
Obscura pena, espírito retinto
Olha pro céu
Dependurado em Deus
Cai no chão como uma pluma

Lyra da paixão
Enfrenta a sociedade com teu sexo e teu amor
Derruba preconceitos
Dorme com o Marx
Acorda com o Hegel

Colérico
Calórico
Telúrico
Colírio da crítica
Canário de túnica
Ante-sala do lirismo abre-alas
Intérprete desautorizado
Trai a burguesia
Traz os proletários

Um homem chamado Roberto
Roubando a sua classe e entregando aos oprimidos
De todos os gêneros
De todas as raças

Roubo certo, teogônico
Ensinando por linhas tortas a ser anjo:
Trepando com Prometeu, angelicamente
E beijando o pescoço da coruja de Minerva...

Roberto na solidão da rua
Dá a mão pra puta sociedade
Noel Delacalle
Une os estudantes e professores do Brasil
Faz da escola uma grande estrada
Onde acampam os retirantes e os sem terra
Receba esta homenagem daqueles que vão ressuscitar Noel Delamare
no corpo de um Roberto Lyra Filho



eliz dia do dotô devogado

André Dallagnol

Feliz dia do dotô devogado,
Daquele qui é responsáver
Pur colocá os pesin nas balança da justiça,
Pur levantá a venda daquela sinhora
Em favor dos que são necessitado

Feliz dia do dotô devogado
Que aprendeu ensinando
Que ensinou aprendendo
Que divide conhecimento
E sabe que riqueza é mais que dinheiro
Que riqueza é sentimento

Feliz dia do estudante,
Que sabe ver aprendizado
Até no mais simples gesto
Feliz dia de todxs nós, do mais prático ao mais estudado!!!



Encontro em Santarém

Pedro Martins

Nessa terra e nesse asfalto
nos rios e construções
somos um povo de tantas cores
uma história de tantos olhares
somos o que está passado
somos o que está futuro
somos gente, terra e água
arapiuns, jaraquis, tapajós
emaranhados em tipitis e taquaras
mundurucus, boraris
e quilombos em orquestra
anunciando direitos em trombetas
somos professores que não dormem
estudantes sem professores
operários sem transporte
santarenos sem um pôr-do-sol
somos o presente gritando por vida
somos o que é e o que ainda está por vir



Nayara Barros de Sousa

Um dia, um velho num burrico surgiu para o moço com uma proposta singular: derrotar os moinhos de vento! Na verdade, o velho chamou os moinhos, dragões, e acreditava piamente estar montado em um puro sangue. Também dizia que lutava por amor à sua musa.

Por algum motivo, sabe-se lá qual, o moço, mesmo vendo que os objetivos do velho eram absurdos- seja porque não existiam dragões, seja porque não acreditava que o amor pudesse ainda tocar alguém daquela idade-, decidiu segui-lo nesta jornada.

Passaram-se anos neste sempre buscar. A cada moinho, ou melhor, dragão, mais evidentes ficavam as escassas energias do velho cavaleiro. E quanto a sua sanidade... Bem, esta não dava notícias há muito tempo. Contudo, seu fiel escudeiro sempre estava lá. Tendo plena consciência da surrealidade em que se metera, jamais pensara seriamente em abandonar o velho cavaleiro persistente.

Mas isso não queria dizer, contudo, que não tentara demovê-lo de seu nobre intuito. Tentou algumas vezes. Sem sucesso, obviamente.

Assim continuaram os dois companheiros com sua missão até o dia em que foram chamados de volta a terra de onde todos viemos. Primeiro o velho, depois o moço, como parece ser de praxe, quando não se está sob a avessa era das exceções.

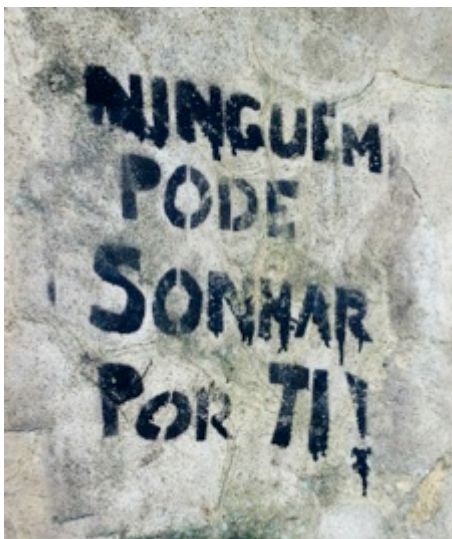
Mas que lição podemos tirar deste destino aparentemente infértil a que se submeteram esses dois seres: um, provavelmente, por uma peça bem pregada por sua mente; o outro, por livre e espontânea vontade? Talvez a resposta, se é que ela existe, estivesse o tempo todo com o último.

A busca, em verdade, era de um só.

Utopia

Luiz Otávio Ribas

E a multidão então um dia despertou
Mas já não havia aquele rancor de outrora
Agora valia a paixão por outro amanhã
A comunhão de vontades e de esforços





Prece a nós, que somos jovens

Ana Lia Almeida

Que o grito não se cale. Que a atitude não cesse.
Que a vontade não se esvaia .Que a inocência não se perca .
Que acreditemos sempre que é possível,
Mais ainda: que tornaremos viável. Que contagiemos cada vez um
número maior de pessoas com nossa síndrome de inquietude .
Não abandonemos, suplico, os jovens inconformados que há em nós
Mesmo quando não mais formos jovens e, porventura, haja algum
conforto em nossas vidas. Aos corações que se partem, tempo.
Aos desconhecidos, sorrisos. Às febres, mãe.
Às vitórias, brindes. Às derrotas, consolo.
Às injustiças, normas, às lacunas, bom-senso.
Aos inimigos, que não os haja, em os havendo, paciência. Aos amigos,
a completude de nós. Ao amor... ah! Deixemos que nos exceda, que
não entendamos como vivíamos antes dele tornar-se nosso conhecido.
Nós, que somos jovens, que vivamos constantemente como que diante
de um grande acontecimento, ato heroico que é o simples existir.
Que sejamos imortais, pois já deixamos marcas fortes nos que nos
circundam.
Nós, que somos jovens, que sigamos tentando salvar o mundo.



Ana Lia Almeida (PB)

Sou da assessoria jurídica popular e professora de direito, mas gosto mesmo é da Revolução. Um mundo sem leis, com vários carnavais por ano - é isso que quero! Amante da música e da escrita, apaixonada pelo Brasil e pelo Nordeste. Quanto ao textinho que escrevi aqui. "Prece a nós, que somos jovens", nem gosto mais dele, porque alguns trechos não condizem mais com o que penso (a necessidade das mães para a cura das febres, por exemplo, envergonham um pouco o meu feminismo de hoje)... preferiria abandoná-lo à "crítica roedora dos ratos". Mas se a turma gosta, que se há de fazer? Em nome da vontade popular, ei-lo aqui publicado.

André Dallagnol (PR)

Eterno aprendiz de devogado popular, doutor em pé no barro dos Faxinal, mestre em confrito dos Pescador Artesanal e pós-graduado em abraços pelas benzedadeiras. Devogado de coração da Rede Puxirão, atuo como Assessor Jurídico na Terra de Direitos, solo fértil, onde se cultivam as lutas e brotam as conquistas na garantia da soberania alimentar e em defesa da bio e agrobiodiversidade.

André Filipe Pereira Reid dos Santos (ES)

Nasceu Dedé, lá em Macaé. Nos idos de 74, em dia de São Pedro, padroeiro dos pescadores. Filho único, como todo filho é para seus pais. Neto de comunista devoto de Getúlio, como se podia ser. Aprendeu com a mãe a tocar a lira. E com o pai, a contar história. Passou a ensinar. E não cansa de aprender. Não tem bandeira por opção: é cidadão do mundo, do seu tempo, no espaço de todos. Vê na lida a vida. Mas sabe esperar: o pescador aprende logo cedo a esperar. E enquanto espera, tece a rede, fortalece o mundo. Essa é a luta, é o nosso fim.

Assis da Costa Oliveira (PA)

Assis da Costa Oliveira, frequentemente interpelado por "qual o primeiro nome, por favor?", é professor de Direitos Humanos numa das regiões em que mais se viola Direitos Humanos, na calorosa cidade de Altamira, no estado do Pará. Filho de amazônidas, aprendeu cedo que "Norte não é com M" e que "ninguém [mais ao Sul brasileiro] nos leva a sério, só o nosso minério", como diria Mosaico de Ravena. Combatente inveterado do colonialismo jurídico e científico, vem namorando céu e mares em busca de cópulas interculturais dos Direitos Humanos.

Diana Melo (DF)

Diana Melo é uma faz tudo na ciência dos encantamentos da vida e se encanta mesmo fazendo as coisas mais simples. Gosta dos dias de sol, de sentir o calorzinho e gosta dos dias de frio também, pra ficar embaixo das cobertas no aconchego de quem se quer bem. Gosta de andar de bicicleta, sentindo o vento na cara... Na verdade, gosta de andar de qualquer coisa que a faça sentir o vento lambendo o rosto. E o mar... É uma encantada pelos poderes da água salgada, embora esteja moradora do Cerrado há cinco anos. Está inserida no ofício de ser mãe solteira de menino pequeno, entendendo agora materialmente mais do que nunca na própria pele o que é ser mulher em uma sociedade como a nossa... Tentando inventar formas de ser cuidadora e reinventando caminhos pra ser livre. Já foi militante workholic. Hoje em dia quer acabar a dissertação, ser professora e ter tempo pra sentir o sol, o vento, criar galinha, plantar e colher verdura sem veneno e ver o sorriso do menino pequeno. E está em paz consigo, diante de sua alma inquieta, porque sabe que tudo isso está sendo e pode ser vivido de uma forma incrivelmente revolucionária.

Eugênio Lyra, *1947 †1977 (BA)

Eugênio Alberto Lyra Silva nasceu em 8 de janeiro de 1947, na cidade de Senhor do Bonfim, Estado da Bahia. Filho de Guilherme Alberto Silva e Maria Lyra Silva. Diplomou-se pela Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, em 1970. Morreu em 22 de setembro de 1977, assassinado pela grilagem, em Santa Maria da Vitória. Deixou viúva a Sra. Lúcia Lyra, também advogada. O companheiro extinto executou grande trabalho profissional, todo ele em defesa do trabalhador rural. Deixou diversas obras literárias, inéditas (nota em *Reforma Agrária*. Brasília: ABRA, n. 5, setembro-outubro de 1977, p. 2).

Jelson Oliveira (PR)

Nascido no Rio Grande do Sul de família de imigrantes alemães, partiu com os pais para o Tocantins no final dos anos 1990. Em busca de terra. Encontrou a paisagem e as vivências mais definitivas de sua vida. Trabalhou na CPT durante dez anos. Recolheu uma chaleira velha de alumínio derretido pelo fogo atizado sobre um barraco de sem terra. Também guardou restos de um caminhão de bóia-fria acidentado e uns cartuchos dos muitos tiroteios contra os pobres do campo. A vida secreta desses objetos despertou a paixão pela poesia. É professor universitário, filósofo e escritor. Vive em Curitiba. Carrega na palma da mão um punhado de terra sempre fresca.

Luiz Otávio Ribas (RJ)

Poetinha vagabundo classe-média, daqueles que frequenta sarau com um moleskine pra curar uma memória de formiga. Comunista insurgente, mas, antes de tudo, um pesquisador. Panfletário odioso, com slogans ridículos, chega ao ponto de criar um blog chamado “relatos de um jovem professor”. Advogado; quer dizer, assessor jurídico popular; não, formado em Direito; na verdade eu só sei escrever poesia.

Nayara Barros de Sousa (PI)

O mundo me fascina quase da mesma maneira de quando eu era criança. Talvez por isso a dificuldade em me concentrar numa única área. Biologia, Direito, Filosofia, Literatura, Feminismo, Astrologia(!). Uma amiga disse um dia que estou como Manoel de Barros, mais para passarinho. Passarinha que hoje descobriu moradia no adorável arvoredado da docência. Realmente amo o que faço. No arvoredado, a Filosofia, sendo uma das árvores que me abriga, acolhe também estudantes que aparecem durante um tempo para me visitar por conta daquelas minhas estranhas afinidades. Até com o Direito às vezes faço as pazes, vejam só! E aqui nessa linda edição dos Cadernos Insurgentes, vocês terão a oportunidade de ler alguns versinhos de uma fase de crítica dolorosa ao direito. Momento de muda das penas, como diz meu pai, durante a qual passarinho até febre dá! Depois, já de penas novas e mais coloridas de esperança, acho que entendi que o mundo gira e se transforma apesar do Direito. Fico feliz que os poemas estejam aqui, um pouco do meu canto e das minhas antigas penas. Hoje espero que aquele trinado angustiado possa encontrar pares para continuamente, em uníssono com outros cantos irmãos, que venham a se sentir tocados pela minha harmonia (ou desarmonia!), possam superar de novo e de novo a dor que um Direito desumanizado provoca. Lindo o movimento dialético do canto e das penas dos passarinhos. Hoje penso que Hegel e Manoel de Barros estavam certos.

Paulo César Correa Linhares (MA)

Está advogado sindical porque gosta de advogar mesmo e também precisa comprar umas fraldas pro João Francisco. Fez os estudos de faculdade tudo sem pagar centavo sequer nem fatia de coração. Colaborou do jeito que pôde com o pessoal do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA/UEA/UEMA) e sonhou uns bons dias no Núcleo de Assessoria Jurídica Universitária Popular - NAJUP Negro Cosme (UFMA).

Pedro Martins (PA)

Advogado Popular. Interesse nos direitos locais e insurgentes. Já escrevi alguns bilhetes de amor. Quero aprender a quebrar babaçu sem lascar o dedo. O cearencês leio bem e escrevo bem. Fluente em paraencês e maranhencês.

Ricardo Prestes Pazello (PR)

Professor universitário latino-americano e assessor jurídico popular (ou seja, não é advogado, portanto, um não-ser no mundo do direito). Filho da classe trabalhadora curitibana, sonhava em ser um astro do Atlético Paranaense, mas nas peladas da periferia só jogava porque sabia de cor a escalação até de times russos! Só estudou em escola pública e sempre sonhou em ser escritor, por isso foi cursar direito (hoje, tem certeza de que deveria ter feito letras). Marxista, entende que a revolução brasileira deve ser socialista e popular a um só tempo. Compositor e músico amador (ganhou edital para lançar um disco autoral mas perdeu o prazo de inscrição), crê que também é poeta ao criar versos invernistas que, em geral, vão morar em gavetas ou, esporadicamente, em blogs.

Roberto Lyra Filho (Noel Delamare), *1926 †1986 (DF)

Noel Delamare é o pseudônimo literário de Roberto Lyra Filho, que o adotou, não para esconder-se, mas para separar a produção de ensaísta, poeta e tradutor de poesia, dos trabalhos de filosofia e sociologia jurídicas – mediante os quais se tornou uma das personalidades mais conhecidas, criativas, e polêmicas da atualidade. Como poeta, além de freqüentar, há perto de 40 anos, os suplementos e revistas, publicou um volume de traduções e participou de outro – igualmente como especialista em versão de poemas estrangeiros. Sua poesia original tem duas características principais: na temática, a substância confessional e erótica é transfigurada pelo enquadramento político, fazendo de seu caso particular um símbolo da luta pela libertação, em todos os terrenos; do ponto de vista formal, por outro lado, a espontaneidade do “sentimento” é organizada com especial requinte, demonstrando erudição e amadurecimento, a nível técnico e de pesquisa. Em Noel Delamare, a transexualidade não isola; integra, porque a poesia é “pessoal-totalizada” e, desta maneira, alcança a fidelidade abrangedora: uma libertação sexual, como aspecto da transformação do mundo, para o socialismo não-autoritário. Noel Delamare não teme “expor-se cruamente nas livrarias”; desdenha o “escândalo” dos poderes repressivos; transfunde a confissão franca, num documento político; e confere ao erotismo o seu valor moral, denunciando as “moralidades”, que admitem qualquer transa “discreta”, com o selo da hipocrisia (trecho da apresentação de João C. Galvão jr à versão virtual do livro *Da cama ao comício: poemas bissextos*, de Noel Delamare, em 2006, p. 2-3).

Thomaz Miguel Pressburger, *1934 †2008 (RJ)

Advogado do movimento camponês (por vezes chamado de “pé-de-chinelo” por seus colegas adversários), absolutamente não tem nenhum curso de pós graduação, mestrado e menos ainda doutorado, no país ou no exterior. A única dissertação que defendeu foi no 3º ano primário, intitulada “Como foram as minhas férias”, e que resultou num pequeno escândalo quando descobriram que havia plagiado John Maynard Keynes que escrevera “Hollyday in Breton Hoods”. Assessor jurídico da CPT-RJ, e toma chimarrão porque gosta e não em adesismo a Leonel Bonaparte, perdão Brizola (autoapresentação do autor em seu livro *Agruras e desventuras do liberalismo: ou o E. T. continua virgem (mesmo já tendo dado mais que chuchu na cerca)*. de 1985, p. 18).

Vladimir de Carvalho Luz (RJ)

Tricolor da Boa Terra – lá por onde ainda alegria, sangue e suor se misturam –, filho de Ana e Batista, eu fui registrado no assentamento civil de pessoas naturais sob a influência “vermelha” do nome “Vladimir” em 1971 (Sol em Virgem e Libra ascendendo no horizonte). Depois de passear pelas bandas da História, cursei Direito na Universidade Federal da Bahia, lugar onde conheci o SAJU – Serviço de Apoio Jurídico Popular. A partir daí tudo mudou. Sentidos foram sentidos, paridos e vividos. Extensão, emancipação, tesão, revolução, decepção... era tanto “ão” que me fiz ali parte do que sou hoje. Após a formatura bandiei lá pras plagas do sul, tertuliano com manezinhos e maragatos. Vieram mais dois Diplomas na parede, Mestrado e Doutorado. Uns acham que não passam de pedaço de papel, títulos, frescura; eu vejo ali tanta coisa que passou e que ficou marcada no corpo e na memória. Quem passou sabe. Tempo voa, né? Recentemente, nessa rota cigana de minha vida, vim para as bandas do Rio, onde sou professor na Universidade Federal Fluminense em Niterói (perto da Nave Espacial), no Curso de Segurança Pública, uma proposta crítica, nova e desafiadora como tudo em minha vida. Recentemente, por cacoete ou defeito de nascença, participei aqui na UFF de uma articulação composta por uma indiarada porreta, um coletivo de Assessoria Popular, o TaACAP – Tamoios Coletivo de Assessoria Popular. Estou sempre nessa “vibe”, acho que não tem jeito nem conserto. No mais, continuo, assim, meio “gauche”, num mundo, como diria Pessoa, cheio de gente que se leva a sério demais e que nunca levou porrada, ou “gás com água” como se dizia no meu tempo. Fazer o quê? Seguir sendo algo que não se sabe. Nessa lida, mesmo distante de Salvador por tantos anos, Dona Ana sempre acende uma vela por mim (a fé num costuma faia). Por fim, quem quiser pode me encontrar e saber quem eu sou pelo lattes, pelo blog; estou nas salas de aula, nos bares, nas reuniões, nos encontros, nos livros, nas piadas velhas dos anos 80. Se não me encontrarem nesses locais, posso estar no Gragoatá vendo o sol cair na Cidade Maravilhosa, filosofando a partir do adágio universal: “caba não, mundão... caba não”.



Cirandar: um posfácio

Nayara Barros de Sousa

Anos atrás, um estudante de direito vindo do sul do trópico de capricórnio, juntou-se ao seu amigo, vindo daquelas mesmas bandas. Começaram a perambular em busca de encontros impossíveis. Tendo por motor seus sonhos de lutar por um mundo mais justo, apesar de cabisbaixos pelo direito que lhes ensinavam, foram acertando o passo numa estrada que surgia na medida do caminhar...

Simultaneamente, ou quase, nessa estrada, uma ciranda começou a girar. Gostaram, sentiram o peito vibrar. Tomaram parte nela, ampliando-se o par. Não era uma ciranda inédita, pois que cada tempo tem seus próprios brincantes para na ciranda dançar. Mas era aquela ciranda que, sem saber, tinham estado a sonhar.

A ciranda cresceu, desdobrou-se, achou-se com outras cirandas em seu cantar. Encontros e desencontros para tornar vivo o cirandar.

Eles não se enganavam, havia algo em comum entre todas e todos ali e que fazia o movimento girar...

Variados eram os terreiros de brincar. Tudo era lugar! Numa sala de aula, debaixo de uma mangueira, à beira de um rio e até num certo blogue da Assessoria Jurídica Popular!

Os amigos do início da historinha não faziam idéia do que daria aquele primeiro caminhar, mas cá estamos todas e todas e gostaríamos de, juntas e juntos, uns versinhos lhes apresentar:

-Vamos cirandar?

a assessoria
popular



INSTITUTO DE PESQUISA
DIREITOS E MOVIMENTOS SOCIAIS